

EDITORIAL

O Laboratório de História Antiga (Lhia) da UFRJ apresenta o segundo número da revista **Phoïnix** de 2017, composto de nove artigos que abarcam pesquisas de investigadores brasileiros e estrangeiros sobre História Antiga Oriental e Ocidental, além da recepção dos clássicos.

Este número é aberto com dois artigos sobre Mesopotâmia. Marcelo Rede defende que as interações e os conflitos entre o poder palaciano e as populações nômades na Mesopotâmia foram precariamente tratados na historiografia. Nesse sentido, o autor sugere apontamentos para uma abordagem das relações entre as realezas urbanas e as chefias tribais, visando à constituição de um modelo explicativo alternativo: o palácio-beduíno. Já Maura Regina Petruski e Simone Aparecida Dupla abordam uma das manifestações culturais da cidade da Babilônia, o festival de Akitu. Esta era uma comemoração anual que também celebrava o Ano Novo e era conduzida por representantes dos poderes político e religioso. As autoras afirmam que os diferentes momentos de sua realização eram desenvolvidos em espaços simbólicos distintos durante os doze dias de sua promoção.

Na sequência, temos cinco artigos que se dedicam ao mundo grego-romano. A poesia homérica é a base para a análise feita por Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, a partir da tradução com comentários de uma cena da **Odisseia** de Homero (V, vv. 278-383) na qual Poseidão provoca a tempestade que quase suga e mata Odisseu. As deusas Ino Leucoteia/Brancadei (que lança para ele seu véu protetor) e Atena vêm para resgatá-lo. Julgamos que a passagem como um todo pode ser analisada como uma alegoria. Segundo a autora, essa memorável passagem pode nos servir de estímulo para pensar o conceito de “resiliência” e associar a cena à situação de pelo menos 3.800 pessoas que, até 2016, morreram ou foram perdidas no Mar Mediterrâneo. A historiografia grega ganha relevância no artigo de Alexandre Santos de Moraes, que aborda o bem conhecido logos de Giges, apresentado por Heródoto em **Histórias** (I, 8.1-12.1). O autor analisa tal narrativa baseado nas tradições interdiscursivas estabelecidas pelo historiador de Halicarnasso no marco da poesia grega arcaica, buscando interpretar o tema da nudez e traição femininas como questões associadas ao risco de perda do poder político.

Numa abordagem filosófica do mundo grego antigo, Markus Figueira da Silva estabelece uma análise crítica que opõe a apresentação do pensamento cirenaico no livro II da obra de Diógenes Laércio à apresentação do pensamento de Epicuro no livro X dessa mesma obra. Além das lacunas explicativas sobre o historiador e sua obra, ele busca mostrar o interesse do autor em evidenciar a grande importância do pensamento epicurista em detrimento do cirenaico, notadamente no que tange à questão do prazer e as diferenças específicas entre os dois tipos de hedonismo. Ao que parece, para Laércio, Epicuro recupera um sentido ético socrático para o prazer, o que não se encontra nem no pensamento de Aristipo, nem no dos seus seguidores. Entretanto, quando observado o texto, as semelhanças entre eles são mais evidentes que as diferenças.

Os próximos dois artigos se dedicam ao contexto romano. Cláudia Beltrão da Rosa, em busca dos significados conferidos a estátuas de deuses na arena pública romana, apresenta um estudo do discurso sobre a estátua de Demeter (**In Verrem** 2.4.105-115), no qual a deusa de Enna torna-se “a mais antiga Ceres”, vinculada por Cícero à religião romana. Fixando-se no Império Romano, Janira Feliciano Pohlmann objetiva contextualizar alguns dos louvores imputados pelo senador neoplatônico Quinto Aurélio Símaco Eusébio (340-402?) ao imperador Graciano (359-383). A latinista defende que as elaborações narrativas apresentadas pelo senador integravam as políticas de sustentação do poder de mando de Graciano, pois conferiam a este augusto as qualidades necessárias a um correto líder secular e destacavam as ações imperiais que beneficiavam sua gente.

Encerrando o presente número da **Phoînix**, temos dois artigos que contemplam estudos sobre apropriações. Maria das Graças de Moraes Augusto inicia o seu texto afirmando que a presença dos clássicos gregos na formação do Brasil é um tema que abarca uma diversidade de experiências, tanto no que diz respeito a processos de integração – na medida em que o Brasil integrou-se à “sabedoria das nações” –, quanto a múltiplos contatos que permitiram a compreensão das dimensões histórica, política e cultural em que a nação brasileira se conformou. É, pois, sob essas óticas, a da integração e a dos contatos, que a autora apresenta uma primeira análise acerca dos “modos” pelos quais os diálogos platônicos foram integrados a uma determinada compreensão do Brasil: de um lado, sua presença no século XVII nas análises do padre Simão de Vasconcelos, e, de outro, a visão crítica do Brasil na primeira metade do século XX, expressa nas obras de dois pensadores anarquistas: Maria Lacerda de Moura e José Oiticica.

Dedicando-se à produção cinematográfica, Julio López Saco busca analisar o processo de recriação moderna que acontece com o mito grego através das imagens da linguagem fílmica. Por meio da revisão crítica de vários filmes clássicos, principalmente da produção italiana e norte-americana, e do tratamento neles realizado dos principais personagens míticos - os heróis, os deuses, os monstros e criaturas híbridas -, o autor observa como esse processo de reinvenção, mesmo com a manipulação que sofre o mito grego, acaba enriquecendo-o e, de alguma forma, identificando-o com o mundo moderno.

Por fim, convidamos os estudiosos do mundo antigo, bem como o público em geral, para uma leitura proveitosa dos artigos que compõem este novo número da **Phoînix**.

Os Editores